

ANGLICANISMO E NEGRITUDE NO BRASIL

Adriano Portela dos Santos¹

Decerto é bom saber que Deus (na tradição cristã) criou a todos (não só os cristãos) à sua imagem, em nós investindo valor infinito, e que foi com toda a humanidade que Deus estabeleceu uma aliança... (TUTU, 2012, p. 27)

O anglicanismo chegou ao Brasil no início do séc. XIX (c. 1814), com capelanias para os britânicos, e se consolidou no país, com missão para os brasileiros, no fim daquele século (1890), graças à ação de missionários norte-americanos. Não obstante essa história bi-secular no Brasil, são muito poucos e pouco evidenciados os elementos da afro-descendência na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (doravante chamada IEAB). Não precisa muito, para nos darmos conta da carência de estudos sobre o assunto, bem como de uma sistematicidade pastoral da Igreja nesse campo. Se considerarmos a justa ênfase dada pela igreja nas duas últimas décadas ao tema da inclusão LGBTI+, poderemos dimensionar o quanto ainda temos muito o que fazer sobre as questões étnico-raciais na igreja e na sociedade. Não estamos contrapondo um tema ao outro, tampouco condenando os esforços empreendidos até aqui; pelo contrário, estamos tomando esses esforços como paradigma de pastoralidade, ao mesmo tempo em que evidenciamos uma lacuna na vida da Igreja.

Refletiremos a questão mediante três tópicos, sendo o primeiro sobre o século XIX, quando a igreja restringia-se quase que exclusivamente ao atendimento espiritual aos ingleses; o segundo, sobre o século XX, em que se planejou uma igreja para os brasileiros; e, por fim, um tópico sobre a atualidade, o século XXI, em que frisaremos a questão no contexto da igreja que somos, verificando uma porção específica da IEAB, nesse caso, a Diocese Anglicana do Recife (DAR).

¹ Presbítero da Diocese Anglicana do Recife e doutorando em Literatura e Cultura pelo Ppg LitCult/UFBA.

1 O século XIX, a igreja dos ingleses

Em *Cidadãos de outra pátria: anglicanos e batistas na Bahia*, Elizete da Silva evidencia a postura ambígua da Igreja Anglicana no Brasil do século XIX, frente à escravatura. Segundo a pesquisadora, a igreja adotou duas posturas: a primeira foi de convivência com a instituição escravista que encontrou no país, anuindo com o fato de sua membresia “comercializar e possuir escravos para o serviço pessoal e empreendimentos” (2017, p. 133); a segunda foi de condenação do escravagismo considerado por alguns como contrário ao espírito cristão.

Em relação à primeira atitude, é importante notar que o começo do atendimento anglicano aos britânicos instalados no Brasil coincide com os primeiros anos da política britânica de combate ao tráfico de escravos (Ato contra o Comércio de Escravos, 1807), não só para os seus súditos como também para os cidadãos de outras nações. Tudo indicaria, então, que os anglicanos radicados no Brasil fizessem frente ao sistema escravocrata aqui encontrado, mas não foi bem isso que aconteceu. Elizete da Silva chama atenção que:

Os súditos britânicos, membros da Saint George Church, não só desobedeciam às ordens de S.M. Britânica ao participarem do rentável comércio negreiro que se fez na Bahia do século XIX, mas também eram proprietários de escravos que utilizavam como mão-de-obra doméstica ou em alguns empreendimentos de caráter manufatureiro que mantinham em Salvador. (2017, p. 131)

Inclusive, em *Rebelião escrava no Brasil*, João José Reis nos faz saber de alguns ingleses cujos escravos malês (muçulmanos) estiveram na revolta de 1835. Entre os ingleses, citamos mr. Abraham Crabtree, morador da Vitória, que permitiu “que seus escravos James e Diogo construíssem uma palhoça no quintal de sua casa” (2009, p. 218), onde alguns malês se reuniam para ler, escrever, conversar e rezar, aproveitando um tênue espaço de tolerância. Elizete informa que “em 1835, durante a revolta dos escravos malês, ocorrida em Salvador, dos 160 acusados, 45 eram escravos de ingleses residentes no bairro da Vitória” (2017, p. 131). Ela nota ainda que na Christ Church (Rio de Janeiro), havia anglicanos que não só eram donos de escravos, como também faziam batizar na Igreja Anglicana os filhos de suas escravas e seus escravos, como acontece em 1820 segundo os registros de batismo da Christ Church (2017, p. 135).

Para entendermos a diferença de posturas frente à escravidão, entre a Igreja da Inglaterra e a instalada no Brasil, neste tempo apenas com capelanias, vale a pena

citarmos o caso de Samuel Ajayi Crowther, que foi escravizado em Osogun em 1822 e embarcado para o Brasil (provavelmente Bahia), mas teve sua embarcação interceptada por navios britânicos, que conduziram-na para Serra Leoa. Com os ingleses, Samuel teve a oportunidade de estudar, vindo a tornar-se o primeiro bispo negro da Igreja Anglicana e o primeiro nativo a realizar uma sistematização linguística do yorubá. Caso houvesse chegado ao Brasil, e tivesse se tornado escravo de um inglês da Vitória, dificilmente teria se tornado anglicano e sob hipótese nenhuma teria gozado da possibilidade de ascender socialmente, uma vez que os ingleses no país corroboravam a escravidão. Os não-ingleses que raramente apareciam na Saint George Church eram jovens esposas de ingleses, mulheres baianas que pertenciam à elite branca da Bahia.

Em relação à segunda postura, que é a de combate à escravidão, Elizete cita o ofício da Sociedade Antiescravagista Inglesa e Estrangeira ao Arcebispo de Cantuária, em 1887, denunciando a postura conflitante de algumas igrejas com as Convenções antiescravistas de 1840 e 1843:

O Comitê da Sociedade Antiescravista Inglesa e Estrangeira, tem tido sua atenção chamada para a prática, ainda existente em algumas Igrejas Cristãs nativas de ter em suas congregações senhores de escravos e até comerciantes de escravos. Isto torna claro que até Ministros dessas Igrejas não estão esclarecidos dessa prática anticristã, e que algumas dessas Igrejas estão sob o controle de Bispos da Igreja Anglicana. (SILVA, 2007, p. 136).

Em terras baianas, na mesma linha de pensamento da Sociedade Antiescravagista Inglesa e Estrangeira, o Revdo. C. Nicolay ficou indignado em saber que entre sua membresia na Saint Georg Church (Salvador) havia senhores e comerciantes de escravos. Por essa razão, o reverendo disciplinou os irmãos nessa situação, não dando-lhes a Ceia (Eucaristia) (SILVA, 1997, p. 137). Esta é, de longe, a atitude mais enfática de um anglicano em terras brasileiras, quanto ao assunto. No mais, apenas ponderação, moderação e aquiescência. A mesma postura ambígua que vimos até aqui, se verá no que diz respeito à discriminação racial: “a distância entre o discurso e a prática, as diferenças entre o concebido teologicamente e a vivência cotidiana dos fiéis, inclusive do próprio clero, aparecem nitidamente na documentação trabalhada” (SILVA, 2017, p. 143).

2 O século XX, uma igreja para os brasileiros

Dada a escassez de material que trate sobre a Igreja Anglicana no Brasil e a negritude, encontramos tão somente um posicionamento de 1960 sobre o assunto, embora apenas como exemplificação e indicação. No ano de 1960, a Igreja promoveu o Congresso da Igreja Episcopal Brasileira, em Porto Alegre (RS), comemorando os 70 anos da Igreja Anglicana no Brasil². O Congresso buscou fundamentar a identidade da Igreja e perspectivar a igreja para a posteridade, tanto que as reflexões do congresso foram publicadas com o título de *A Igreja Episcopal no país do futuro*. No artigo *A Igreja e o cidadão*, o Dr. João Nero se posiciona favorável à inserção da igreja nas causas sociais, com pregação de princípios e ações positivas contra os males sociais. De acordo com o autor:

Na sua missão social, a Igreja deve incluir uma *ação positiva* através do cidadão – contra os males sociais. Reconhece-se que, em geral a tarefa de promover a ação social, isto é, o *bem-comum* dos homens, cabe ao Estado. Em certos problemas, porém, devido a sua influência internacional e interracial e ao seu dinamismo religioso, deve ela ocupar a vanguarda, a fim de descobrir o inimigo, embora caiba, na maioria das vezes, ao Estado, como se verificou com o problema da escravidão, a tarefa de desalojá-lo. (1960, p. 134)

Por essas palavras, Del Nero cita a causa da escravidão como um exemplo da atitude vanguardista a que a Igreja é chamada a desempenhar. Alhures, ele diz explicitamente que a Igreja deve “atacar corajosamente as distinções raciais, ainda que provenham do próprio Estado” (1960, p. 134). Nestas palavras, o autor já não trata da escravidão, mas da consequência deixada por ela, que é a discriminação racial, e é taxativo na indicação que faz: a Igreja deve atacar a discriminação, em palavras atuais, diríamos: a Igreja deve ser anti-racista. É importante evidenciar que o artigo do Dr. João Del Nero foi proferido diante de uma plateia eminentemente branca, uma vez que aconteceu no Rio Grande do Sul, local de maior força da Igreja naquele momento, em um tempo em que a Igreja pouco havia alcançado o norte do país. As fotos do Congresso, embora não tão nítidas, podem nos dar a noção do cenário diante do qual encontrava-se o autor. Selecionamos uma foto do clero presente no congresso, uma das mulheres, uma dos homens e uma da mocidade, que podem ser vistas logo abaixo.

² A Igreja brasileira era um Distrito Missionário da Igreja Protestante Episcopal do Estados Unidos e contava, então, com três dioceses: Meridional (sediada em Porto Alegre e abrangendo a região leste do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina), Sul-Occidental (sediada em Santa Maria e abrangendo a região oeste do Rio Grande do Sul e Santa Catarina) e Brasil Central (abrangendo as igrejas existentes que estivessem nos estados ao norte de Santa Catarina). (Cf. CALVANI; OLIVEIRA, 2012, p. 194-195)



A quase totalidade do clero que participou do Congresso.



As senhoras episcopais numa de suas reuniões.



Conferência de Homens, na Associação Cristã de Moços.



A mocidade episcopal, reunida durante o Congresso.

Baseando-se tão somente na cor da epiderme, as fotos revelam uma comunidade exclusivamente branca, seja entre jovens, seja entre homens, mulheres ou clérigos. A exceção talvez seja um homem sentado ao fundo, lado esquerdo da foto, na Conferência de Homens; exceção que, como todas as outras, confirma a regra. Por essa razão, devemos crer que citar a questão racial entre as causas sociais às quais a Igreja deve assumir (e esta foi a única citada explicitamente), não foi ocasional, mas um gesto cômico da necessidade

da Igreja. As palavras de João Del Nero indicam que a atenção à afro-descendência era um tema que circulava entre os espaços da Igreja.

De 25 anos depois do Congresso da Igreja Episcopal brasileira, encontramos uma pesquisa de Regina Reyes Novaes publicada nas Comunicações do ISER (Instituto Estudos da Religião), a qual é intitulada *Os negros entre os episcopais: cor e lugar social*³. A autora pesquisou três comunidades episcopais (duas no Rio de Janeiro e uma em São Paulo). A primeira constatação da autora é “que os pobres [negros] entre os episcopais não estão – via de regra – entre os *membros*, mas sim entre os beneficiários dos *trabalhos sociais*” (1985, p. 33). E a justificativa para isto, segundo os anglicanos entrevistados, encontra-se na sofisticada liturgia anglicana, que demanda cultura dos participantes.

As igrejas pesquisadas no Rio de Janeiro foram a da Tijuca, Catedral Anglicana do Redentor, na qual, segundo a autora, “a pentecostalização do culto acarretou mudanças na clientela” (1985, p. 34), com maior participação de “negros e mulatos”; e a então missão da Cidade de Deus, hoje Paróquia Cristo Rei. Nessa missão, havia trabalho social com crianças, por isso, conseguia-se também maior participação de negros/as na vida da comunidade. Já a igreja pesquisada em São Paulo foi a Paróquia São Lucas, Vila Maria, na qual a presença mais incisiva de negros/as “é justificada na medida em que começou por iniciativa de um senhor mulato” (1985, p. 35).

Outra constatação àquela altura foi a de que “os pastores episcopais são quase consensualmente classificados como brancos”. Um dos entrevistados disse que havia “no Brasil tem um em Recife, tem um em Porto Alegre”, além de um no Rio, que já havia falecido. Acerca do reverendo negro do Recife, o Revdo. Josafá Batista dos Santos nos afirmou:

O único que conheci, de pele morena, foi o Revdo. Antônio Carlos Pereira dos Santos. Nunca ouvi ninguém classifica-lo como negro. Nem mesmo ele próprio classificar-se como tal. Como dito no início, tinha pele morena e cabelos pretos quase lisos, o que na época equivalia a um perfeito “caboclo”. Hoje seria classificado como negro, certamente⁴.

³ Naquele momento da pesquisa, a “Igreja Episcopal Anglicana do Brasil” chamava-se ainda “Igreja Episcopal do Brasil”, por isso a autora refere-se aos fieis e às fieis como *episcopais* e não *anglicanos/as*. “Episcopal” ao ramo norte-americano do anglicanismo, chamado Igreja Episcopal, através do qual o *ethos* anglicano se estabeleceu entre os brasileiros no fim do século XIX. O serviço de capelania anglicano, estabelecido no início do século XIX, restringiu-se ao atendimento aos ingleses residentes no Brasil. Sempre que citarmos a autora, manteremos o termo *episcopal*; no mais, adotamos nesse artigo o termo *anglicano/a*.

⁴ Informação concedida ao autor em 10 de outubro de 2018.

O Revdo. Antônio Carlos era Pároco da Paróquia Anglicana Bom Pastor (Salvador), que faz parte da Diocese Anglicana do Recife, e o Revdo. Josafá era, naquele tempo, um dos paroquianos da referida paróquia. Já acerca do reverendo negro de Porto Alegre, de acordo com a Revda. Carmen Etel Gomes, deveria ser o Revdo. Jorge Alberto Rosa. A Revda. Carmen Etel⁵ foi ordenada em Pelota/RS, no ano de 1985, o mesmo da publicação do ISER.

Justificando a escassez de presbíteros negros entre os anglicanos brasileiros, o entrevistado de Regina Reyes sustentou que “a dificuldade não estaria no problema de cor, mas nas exigências colocadas em termos de estudos para que qualquer um chegue ao pastorado” (1985, p. 35). Como na justificativa dada para a ausência de fieis negros [incompreensão da liturgia], mais uma vez acentua-se a falta de acesso da negritude à educação⁶. Dessa forma, a autora salienta que:

A questão social e racial, do ponto de vista dos episcopais, se interpenetram totalmente. Os negros e mulatos estariam, portanto, como que incluídos por natureza entre os “necessitados” e os “simples”, entre os “pobres” e “iletrados” que se auto-excluem por não compreenderem a sofisticação da liturgia episcopal [anglicana]. (p. 1985, p. 36)

Quando entrevistadas as pessoas negras das três comunidades pesquisadas, todas reconheceram sua afrodescendência, mas revelou-se uma tendência de se negar a existência de preconceito na igreja; no caso do negro melhor posicionado entre os anglicanos do Rio de Janeiro⁷, houve inclusive a negação do preconceito racial no Brasil.

Num esforço de síntese do que encontrou sobre o tema em questão nas igrejas anglicanas pesquisadas, Regina Reyes afirma:

⁵ A título de registro, frisamos que a Revda. Carmen Etel foi a primeira mulher a ser ordenada presbítera na IEAB.

⁶ É importante recordarmos aqui a contribuição de Marco Davi de Oliveira, em “A religião mais negra do Brasil: Por que mais de oito milhões de negros são pentecostais?”. Segundo o autor, as igrejas protestantes históricas (entre as quais está a Anglicana) não conseguiram atrair os negros, se comparado o parco número de negros nestas igrejas com a multidão existente nas igrejas pentecostais. Entre as causas, ele aponta a “opção pela elite”, “dificuldade com a linguagem” (primeiramente o idioma mesmo, mas depois o nível de comunicação), a “estratégia missionária” (centrada no ambiente educacional num país em que os negros eram privados sistematicamente do acesso à educação) e a “liturgia distante dos negros” (OLIVEIRA, 2004, p. 53-60). A análise de Oliveira, dessa forma, desloca o foco de uma pretensa limitação da população negra para uma inabilidade pastoral das igrejas protestantes históricas.

⁷ “Está na igreja há 50 anos e foi presidente da mocidade, professor da Escola Dominical, dirigente do coro, leitor leigo, membro da Junta [Paroquial], membro do Conselho Executivo do Sínodo e 1º guardião”. (1985, p. 41)

Questões referentes ao acesso dos negros e mulatos ao pastorado, assim como questões referentes à possibilidade da Igreja facultar ou tornar-se o espaço de articulação para o desenvolvimento de uma “consciência negra” ou para a participação no “movimento negro”, não tem ressonância entre os episcopais. (1985, p. 36)

Dessa forma, na década de 80, já percebemos comunidades com inserção de afrodescendentes, como é o caso da Vila Maria, em São Paulo, onde a maioria é negra, mas a igreja ainda não fomenta a consciência negra e tem poucas lideranças negras.

3 O século XXI, a igreja que somos

Para termos uma noção da questão dos afrodescendentes na IEAB no séc. XXI, optamos por aplicar um formulário do Google Forms na Diocese Anglicana do Recife (DAR), cuja jurisdição pastoral abrange todo o Nordeste do Brasil, mas que efetivamente está presente em apenas quatro dos nove estados: Bahia, Pernambuco, Paraíba, Maranhão e Rio Grande do Norte.

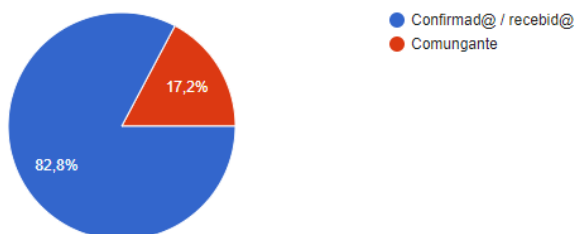
O formulário continha 11 questões (09 objetivas e duas subjetivas), que poderiam ser respondidas por pessoas de 15 anos idade em diante, independentemente de serem confirmadas na Igreja (membros plenos) ou apenas comungantes (membros parciais). As questões visavam saber d@ fiel:

- status canônico: clérigo/a ou leigo/a e confirmado/a ou comungante;
- Estado em que participa da Igreja;
- faixa etária (jovem, adulto/a ou idoso/a);
- nível de formação (até o 1º grau completo, 2º grau completo ou 3º grau completo);
- gênero (homem, mulher ou outro);
- sexualidade (heterossexual, homoafetiv@ ou outro);
- identidade étnico-racial (negr@ ou outra);
- intensidade de combate ao racismo que viu na IEAB (muita, pouca ou nenhuma);
- ações que a Igreja pode desenvolver para melhor a situação da população negra na Igreja e na sociedade.

O formulário foi aplicado durante oito dias (02 a 09 de janeiro de 2019), tendo sido enviado o link pelos grupos de *What App* da Diocese, com a anuência do Bispo Diocesano. Obteve-se uma amostra de **58 respostas ao formulário, sendo 48 de pessoas confirmadas na Igreja e 10 de pessoas comungantes, conforme o gráfico abaixo**⁸:

Você é:

58 respostas



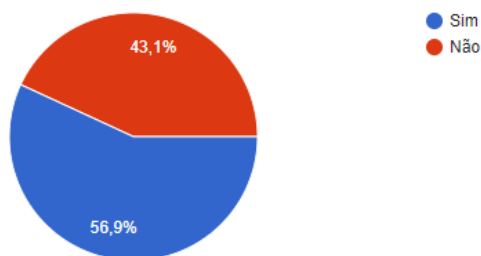
3.1 O perfil dos anglicanos e das anglicanas do Nordeste

Não pretendemos analisar detalhadamente os dados coletados, uma vez que são muitas clivagens a serem analisadas, mas tão somente noticiá-los e, vez ou outra comentá-los. A pretensão é muito mais dar a conhecer a situação da negritude nessa porção nordeste da IEAB, que é a DAR, como forma de chamada de atenção sobre o tema em toda a província.

Passemos aos dados. Quanto à identidade étnico-racial, perguntamos: “Você se declara negr@ ou outr@?”, 56,9% das pessoas se autodeclararam negras, ao passo que 43,1% disseram ter outra identidade étnico-racial.

Você se declara negr@?

58 respostas

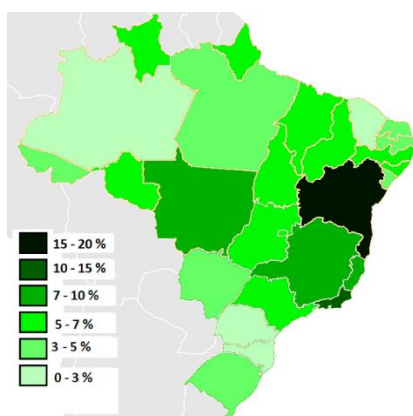


⁸ Houve três questões objetivas que obtiveram apenas 57 respostas, aparentemente por equívoco no envio do formulário. Já as duas subjetivas, nenhuma das duas obtiveram 58 respostas.

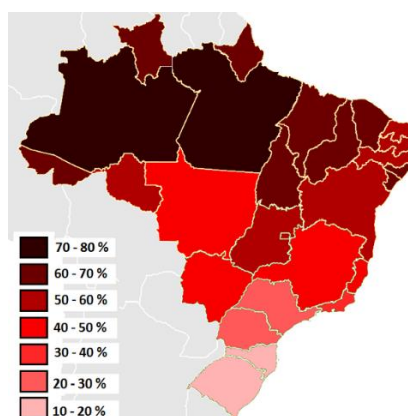
Os 56,9% autodeclarados negros significam 33 pessoas, das quais 14 são da Bahia, 11 de Pernambuco, 05 da Paraíba, 01 do Rio Grande do Norte, 01 do Maranhão e uma não identificou o Estado⁹. Embora com uma amostra pequena, proporcionalmente, a Paraíba revelou-se o estado em que os participantes mais se autodeclararam negros. A autodeclaração é método o adotado pelo IBGE, mas é preciso ter ciência que as pessoas tendem a se autodeclarar negras ou não levando em consideração a cor da pele, ignorando as vezes outros aspectos étnicos-raciais, como a ancestralidade, por exemplo. Deve-se isso, por certo, ao fato de o Brasil concentrar o racismo em aspectos fenotípicos, isto é, em marcas físicas.

Não temos os números gerais do IBGE em relação à porcentagem de negros na região Nordeste, mas temos a noção por Estado. Na Bahia, por exemplo, 15% a 20% se declara pretas e 50% a 60% pardas; enquanto em Pernambuco, 5% a 7% se declara preta e 50% a 60% pardas. Desse modo, considerando que o IBGE calcula o número de negros a partir da soma de pretos e pardos, os dois estados com maior número de respostas do formulário (Bahia, 40,4%; Pernambuco, 42,1%), podemos dizer que a proporção de negros na Diocese Anglicana do Recife não apresenta grande discrepância com a informada pelo IBGE para a população em geral, conforme os mapas abaixo.

Percentagem de pretos no Brasil em 2009¹⁰



Percentagem de pardos no Brasil em 2009¹¹



⁹ Devemos recordarmos que a região Nordeste é uma das mais negras do país, ao considerarmos a porcentagem de negros que responderam ao formulário.

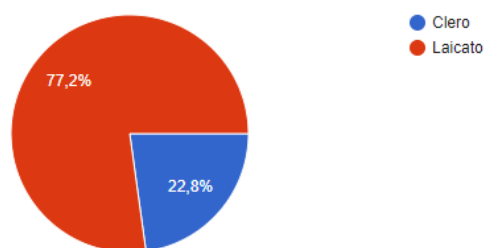
¹⁰ <http://www.ibge.gov.br>

¹¹ <http://www.ibge.gov.br>

No artigo de Novaes (1985), constatou-se o baixo acesso de pessoas negras ao ministério ordenado: uma das pessoas entrevistadas disse conhecer apenas dois reverendos negros e que um terceiro (do Rio de Janeiro) havia falecido. Em nossa pesquisa, 13 (22,8%) formulários foram respondidos por clérigos e clérigas¹². Destes 13, 07 clérigos ou clérigas se autodeclaram negras. Dessa forma, 34 anos depois do artigo de Regina **Reys** Novaes, apenas na DAR, são 07 pessoas negras ordenadas ao ministério ordenado.

Você faz parte do:

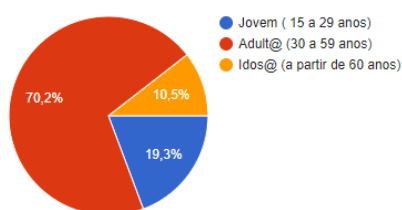
57 respostas



Em termos de faixa etária e tempo de participação na IEAB, a análise dos formulários indicou que a maioria das pessoas que responderam são adultas (70,2%) e têm de 0 a 5 anos na Igreja (48,3%), conforme indicam os gráficos abaixo.

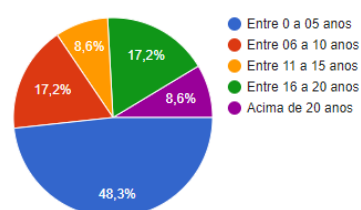
Qual a sua faixa etária?

57 respostas



Há quanto tempo frequenta a IEAB?

58 respostas



Quando pensamos especificamente a idade e o tempo de participação das pessoas negras na Igreja, essas tendências permanecem. Percebemos que, no universo de 33 pessoas negras, a maioria é adulta (22 pessoas) e que pouco mais da metade participa da Igreja entre 0 e 05 anos (17 pessoas), o que significa ser muito recente a presença mais

¹² A DAR, além do bispo diocesano, possui 24 clérigos e clérigas (sendo 20 presbíteros/as e 04 diáconos). Desse total, 02 são eméritos e 02 estão licenciados.

expressiva de pessoas negras na Diocese Anglicana do Recife¹³. Mas há um detalhe que precisamos observar: embora tenham chegado mais pessoas negras à Igreja, estas têm se tornado membros plenos da igreja com menos frequência do que as de outras identidades étnico-raciais.

É muito importante observarmos que não só é recente uma maior presença de negros nas comunidades do Nordeste, como também parece ter se chegado mais negros à DAR que de outras identidades étnico-raciais. Das 28 pessoas que informaram estar na igreja de 0 a 05 anos, 17 são negras e 11 de outras identidades étnico-raciais. Das 17 negras com 0 a 05 anos de participação na Igreja, apenas 09 se tornaram membros plenos da IEAB, através da confirmação/recepção recebida na Igreja; enquanto das 11 de outra identidade étnico-racial, só uma não se tornou membro pleno da Igreja. Desse modo, 08 pessoas negras com 0 a 05 anos de participação na IEAB permanecem *comungantes*¹⁴, enquanto apenas uma de outra identidade étnico-racial permanece nessa condição canônica¹⁵. Aqui cabe fazermos uma pergunta: *por que razão 08 pessoas negras ainda não optaram por se tornar membros plenos da Igreja?* Há algo que tem impedido as pessoas negras de desejarem se tornar membros plenos da IEAB? Talvez a razão seja tão somente pelas pessoas serem por demasiado recentes na comunidade.

Seja como for, na estatística geral, há uma leve diferença no número de negros/as em relação às outras identidades étnico-raciais, graças à presença das pessoas *comungantes*. De modo que o cenário da DAR de 2019 revela-se mais equânime do que aquele apresentado por Novaes em 1985, no eixo Rio / São Paulo.

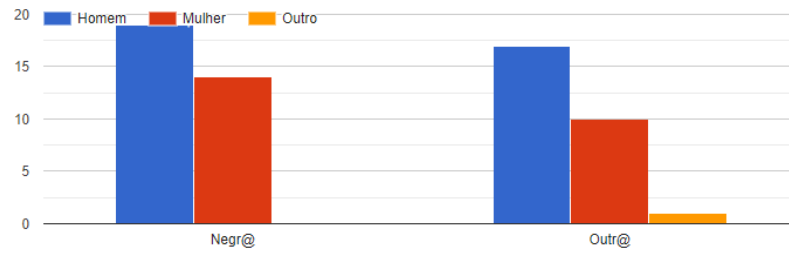
Falando em perfil das pessoas negras, a análise dos formulários revelou que, em questão de gênero e sexualidade, respectivamente há mais homens (19) que mulheres (14) e mais pessoas héteros (22) que homoafetivas (10), como mostram os gráficos abaixo.

¹³ Os últimos 05 anos na Diocese Anglicana do Recife coincidem com o episcopado do bispo João Câncio Peixoto Filho, que foi sagrado bispo em 14 de dezembro de 2013 para suceder o bispo Sebastião Armando Gameleira, então bispo diocesano do Recife.

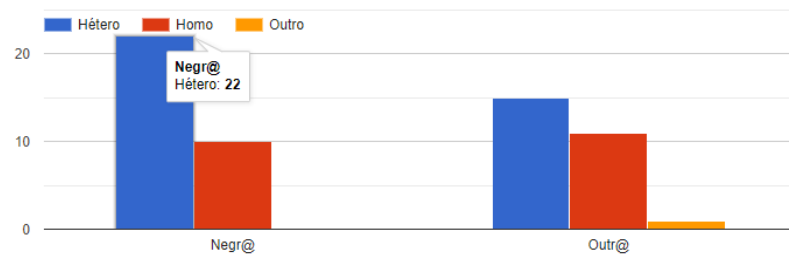
¹⁴ *Comungantes*: pessoas batizadas que participam das celebrações eucarísticas, mas não se tornaram ainda membros plenos da Igreja, sendo recebidas ou confirmadas na Igreja pelo bispo diocesano.

¹⁵ A análise de dados dos formulários revelou 10 comungantes, mas apenas 09 tem de 0 a 05 na Igreja. Uma outra pessoa comungante informou ter de 12 a vinte anos na Igreja.

Quanto ao gênero, responda:

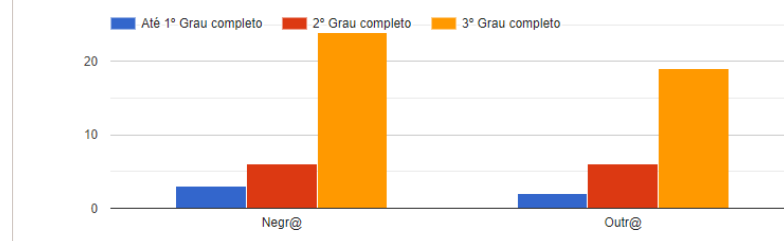


Quanto à sexualidade, responda



No que concerne ao estudo, diferente do que ocorre na sociedade de modo geral, na Igreja há mais pessoas negras com o 3º grau completo (24), do que com o 2º grau completo (6) ou do que pessoas com até 1º grau completo (3). No Brasil, segundo dados do Pnad Educação 2017, apenas 9,3% dos negros com 25 anos de idade ou mais tem o nível superior completo.

Quanto à formação, responda:



Diferença de escolaridade entre negros e brancos a partir de 25 anos (2017)¹⁶

¹⁶ Infográfico retirado de: BRITO, Débora. Cotas foram revolução silenciosa no Brasil, afirma especialista. In: **Agencia Brasil**. Brasília, 27 maio 2018.



Fonte: IBGE (Pnad Educação 2017)

Na Igreja, 72,7% das pessoas negras tem o nível superior completo, conforme pudemos analisar nos formulários enviados¹⁷. Isso faz com que o número de pessoas negras com ensino superior na Igreja seja superior, inclusive, ao de pessoas de outras identidades étnico-raciais, entre as quais, 19 pessoas declararam ter o 3º grau completo, significando cerca de 70,4% desse universo de pessoas na pesquisa. É preciso dizer que, via de regra, as comunidades da IEAB costumam ter um índice elevado de pessoas com ensino superior completo, o que pode ser constatado no dia-a-dia das comunidades, independentemente de qualquer pesquisa.

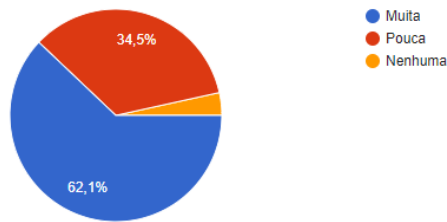
3.2 Auto-avaliação e pistas de ação

Perguntadas sobre a intensidade com a qual viram o combate ao racismo na IEAB, 62,1% pessoas responderam que com **muita** intensidade, outras 34,5% responderam que com **pouca** e 3,4% responderam que com **nenhuma** intensidade, como podemos ver no gráfico abaixo.

¹⁷ Se considerarmos a idade a partir de 25 anos, podemos assegurar que 54,5% do total de 33 negros/as têm o 3º grau completo, o que corresponde às 18 pessoas que informaram serem **adultas** (30-59 anos) e à que informou ser **idosa** (60 anos em diante). Quando acrescentamos as 10 que informaram serem **jovens** (15-29 anos) aí sim alcança a porcentagem de 72,7%. Mas embora seja provável que estas já tenham 25 anos, não temos como garantir com exatidão sua idade.

Desde que você é anglicano(a), com qual intensidade você viu o combate ao racismo na IEAB?

58 respostas



Não obstante a maioria das respostas tenha indicado muita intensidade de combate ao racismo na IEAB, uma das pessoas que participam da Igreja entre 11 a 16 anos indicou que “essa citação da IEAB em combate ao racismo não é uma coisa de tanto tempo, mas de um tempo pra cá tem sido falado tem sido combatido” (F53)¹⁸. Por outro lado, uma pessoa que está na igreja entre 0 a 05 anos informou que “em todo tempo falamos e combatemos práticas racistas... Em nossa paróquia nos últimos seis meses, temos mobilizado ações com a temática” (F1). E uma terceira pessoa, que também está na igreja há 0 a 05 anos, frisou que o combate ao racismo na IEAB vem “sendo muito mais frequente do que já vi em qualquer outra denominação que eu tenha feito parte” (F44).

Quando perguntadas se poderiam citar quais ações e sinais viram de combate ao racismo na IEAB, as respostas nos ajudaram a sistematizar a atuação da Igreja em relação ao tema, indicando cinco vertentes ação da igreja: (I) sermões, (II) eventos promovidos pela IEAB com a temática; (III) participação em eventos com outras instituições; (IV) vivência de relações inclusivas; e (V) compartilhamento de conteúdo nas redes sociais.

Onze pessoas fizeram menção a sermões antirracistas nas celebrações dominicais de suas comunidades como ações que viram de combate ao racismo na IEAB. Uma das pessoas disse: “Nas homilias realizadas, o reverendo sempre se preocupou em incluir a temática da condição do negro para toda comunidade da igreja” (F51). Outra informou: “Tenho presenciado a defesa dos afrodescendentes e o combate ao racismo nas homilias da minha Paróquia. Outros tipos de ações ainda não participei” (F32). É interessante esta última resposta porque revela que, em determinada comunidade, o antirracismo acontece, mas restringe às celebrações dominicais.

¹⁸ Manteremos tanto quanto possível a estrutura linguística dos textos citados dos formulários, os quais serão identificados através do “F” de formulário mais o número do formulário, por exemplo: F6.

Sobre atividades promovidas pela IEAB ou em parceria com a Igreja, as pessoas citaram algumas: Debate com Tico Santa Cruz sobre “Extermínio da juventude negra” realizado na Catedral Anglicana do Bom Samaritano em 01 de setembro de 2016; IV “Simpósio sobre Religião, Cultura e Sexualidade”¹⁹ promovido pela Paróquia Anglicana do Bom Pastor em 07 e 08 de outubro de 2016; Bate-papo sobre Cristianismo e Negritude realizado pela Missão Ressurreição do Senhor em 25 de novembro de 2018; Acarajé teológico realizado pela Catedral do Bom Samaritano em 01 de dezembro de 2018, que teve como tema “O papel das religiões na luta antirracismo em tempos de resistência”. Outras menções de ação da igreja foram genéricas: “palestra sobre negritude”, “palestra, comemoração dia da consciência negra”, “encontro sobre racismo”, “encontro e debates sobre racismo”, “alguns poucos debates”, “palestra contra intolerância” “Discursos, eventos voltados para conscientização”. Tais menções podem se referir a algumas das ações mencionadas mais acima ou não, é impossível precisar.

Em relação à terceira vertente indicada pelas pessoas, que é a da participação em eventos com outras instituições, encontramos referência a coisas que são mais ou menos comuns a todas as comunidades da IEAB no Nordeste (e, quiça, de toda a Província):

- “Os anglicanos em Salvador participam de caminhadas, debates e encontros sobre o tema”; “também tem participado de eventos na cidade sobre o assunto abordado”;

- A Vida e trabalho da Rev Lílian (Reverenda da nossa comunidade), que tem sido ativa tanto na militância externa quanto interna na Igreja, bem como em sua elaboração teórica;

- “O reverendo faz parte do Conselho de combate à intolerância”;

- “No apoio aos movimentos sociais”, “posicionamento em eventos, atividades”, “participação em movimentos sociais”, “nos movimentos sociais”, “participação em diversos movimentos”, “as ações pastorais nos movimentos sociais”, “na realização de atividades em conjunto com outras organizações”;

- A participação da IEAB nos diálogos e ações de diálogo inter-religioso e contra a intolerância às religiões de matriz africana.

¹⁹ O Simpósio teve uma mesa-redonda sobre Relações Étnico-raciais, além de outras atividades que refletiram sobre assuntos pertinentes ao antirracismo, como Direitos Humanos, Políticas Públicas e Intolerância religiosa, Gênero/Raça.

A quarta vertente indicada nos formulários foi a da vivência de relações inclusivas, que também é uma marca da Igreja. As pessoas disseram ver combate ao racismo “na postura acolhedora do reverendo”, com “tratamento igualitário”, “sem discriminação de cor”, na “prática da inclusão de todos, independente de raça, classe, nacionalidade ou sexualidade”; na “inclusão de pessoas negras e a defesa pública contra racismo e qualquer preconceito”. Isso é muito interessante porque revela que alguns membros da Igreja entendem que a inclusividade não se restringe à luta pelos direitos LGBTI+ e sua plena acolhida na IEAB. Preconceito aos homossexuais, lésbicas negras

Parece que essa não é uma compreensão ainda consolidada, ou pelo menos, é uma compreensão que precisa ser fortalecida. Um dos relatórios aponta para isso de alguma maneira, quando diz:

A relação com o Evangelho de Jesus é inclusiva e ante discriminatória. A participação em Cultos e Eventos Interreligiosos também se configura uma ação ante racista. Porém, o recorte racial da leitura evangélica precisa ter um esforço de aprofundamento. A questão da Exclusão da Mulher e da População LGBTQ é mais evidente no discurso das lideranças religiosas e demonstram mais conforto (F29).

A última vertente diz respeito ao compartilhamento de conteúdo nas redes sociais. Apenas duas pessoas chamaram atenção para esse eixo, o que significa que ainda é pouco utilizado e/ou visibilizado. As pessoas disseram ver ações antirracistas “através do compartilhamento de links nas Redes Sociais” e nas “novas propostas de discussão do CEA”. Não vemos muito material de sensibilização e/ou conscientização antirracista produzido pelas comunidades e membros da Igreja. É bem da verdade que o material recentemente produzido para o mural do site do CEA, que vem sendo organizado pela Revda. Lilian Conceição, tem sido enfático em evidenciar a clivagem étnica-racial – imaginamos que seja disso que o formulário esteja dizendo ao se referir ao CEA. Cremos que essa vertente mereça maior investimento futuramente.

No que concerne à última pergunta do formulário, sobre “o que a igreja pode fazer para melhorar a situação do(a) negro(a) na igreja e na sociedade”, discernimos quatro vertentes nas respostas enviadas: exegese antirracista, compromisso eclesial e ação social, formação.

Os membros da IEAB no Nordeste entendem que há **compromisso eclesial** em algum nível com a população negra, por isso acham que a Igreja deve “seguir nesse ativismo que tem iniciado” (F41), “manter sua postura de intolerância ao racismo,

demonstrando ser uma comunidade segura para todas as pessoas” (F43), “aumentando sua proporção [de ativismo] e tornando-o mais visível” (F41). Os anglicanos e as anglicanas do Nordeste também entendem que, não obstante atuação que já temos, nosso agir deve “ser mais enfático nesta defesa como Igreja. Não basta apenas os membros mas sim a igreja como entidade ser mais clara nas suas defesas, não que não defenda, apenas que seja mais firme” (F10). Algumas sugestões foram dadas nesse sentido:

- “A criação de uma Pastoral Afrodescendente” (F18)
- “Divulgar sua posição publicamente contra o racismo e trabalhar nas suas paróquias essa questão” (F52).
- “Dar mais visibilidades as ações do negro na comunidade religiosa” (F47)
- “incluir mais debates acerca da situação da vulnerabilidade que o negro vive constantemente em nossa atual sociedade” (F47).
- “Cobrar dos clérigos e clérigas o envolvimento de todas as comunidades e o respectivo compromisso com o combate ao racismo” (F28).
- “A sagração de um bispo negro ou uma bispa negra também seria um sinal visível importante de inclusividade” (F28).
- “Oportunizar e incentivar o episcopado, de forma diocesana promover ações e eventos com as temáticas antirracistas” (F1).
- “Promovendo mais formação para as lideranças religiosas, que trate das questões históricas e atuais sobre a luta contra o Racismo Estrutural e depois expandir para os confirmados e demais outros frequentadores” (F29).
- “investir em lideranças negras” (F19)
- “apoiar projetos de ação afirmativa” (F19)
- “Defesa da Juventude Negra no Brasil” (F3)

As pessoas que responderam o formulário sugeriram também como vertente de ação que se incremente “**estudos bíblicos numa perspectiva antirracista**” (F6), para que se entenda que deve-se, “Antes de tudo aceitá-lo [o negro] como imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26)” (F31). “Continuar afirmando que diante de Deus não há negro, nem branco, homem, mulher, judeu ou grego” (F9) “e não existe duas raças e sim uma única raça que é nós, todos são seres humanos” (F8). Ensinar que “ser do Evangelho

plenamente... nos coloca na linha de frente no combate do racismo” (F30). Sabemos o quanto é importante, no âmbito da religião, que nossas práticas nasçam embasadas desde o fundamento de sua perspectiva de fé, que em nosso caso são as Sagradas Escrituras.

Foi colocado também por algumas pessoas como vertente de atuação da Igreja a **ação social**, entendendo que a comunidade negra infelizmente está entre as mais vulneráveis no país. “Acredito que se faz necessário partir o pão com os mais pobres. Em nossa sociedade essa população é de maioria negra. Precisamos dar pão a quem tem fome, conhecimento e informação a quem não teve educação, etc. Partilhar os dons. Partilhar o que Deus nos permitiu conquistar na vida” (F29).

Também se reconhece que já há iniciativas, “há esforços e iniciativas belíssimas na Igreja Anglicana na Bahia” (F29), “ações concretas na formação de jovens em regiões de vulnerabilidade, como ocorre em Itaparica e Alagoinhas” (F12) – e não só nessas comunidades. Daí que se indica “seguir em frente em sua inclusão social” (F20) e praticar a “inserção social com a participação das comunidades” (F56) em “programas assistenciais como projetos” (F17).

Podemos incluir ainda nessa vertente de atuação, que é a ação social, o apoio a iniciativas civis e o diálogo com outros atores sociais, que também foi sugestionado: “participar junto aos movimentos que promovem o combate ao racismo” (F7), “dialogar com religiões afrodescendentes” (F22), “divulgar, participar de eventos e atividades do movimento negro” (F35), “defendendo as ações afirmativas propostas pela sociedade e participando ativamente de grupos pela valorização dos elementos afros da nossa cultura” (F23).

A IEAB “precisa proporcionar mais momentos para discutirmos sobre o assunto” (F7), “investir em formação e material de estudos para as comunidades diocesanas” (F51), “estimulando aos seus fiéis e simpatizantes a combater o racismo, nas formações pastorais, nas escritas e divulgações sociais ligadas à igreja” (F44), lemos nos formulários enviados. Dada a necessidade, a **formação** também foi indicada como vertente de ação em prol da população negra, buscando “tratar do tema de forma sistemática com estudos fazendo a contextualização bíblica em todas as faixas etárias”, para “conscientizar as pessoas da importância de assumir sua negritude” (F5). A sugestão de formação foi colocada das seguintes maneiras:

- “promover formações e ações que instruem e empoderem o povo negro” (F2);

- “Fórum de combate ao racismo” (F3);
- “Promover formação através de textos, vídeos, roda de conversa e metodologias que possuam linguagem acessível acerca das demandas étnicas” (F13).
- “Seminários, ações externas de educação e conscientização. (F36)
- “Material específico, artigos e revista” (F55)
- “Eventos nas comunidades para discutir, valorizar e disseminar a cultura afro” (F46).
- “Mais discussões, mais encontros teológicos sobre o tema, captar testemunhos de racismo e divulgá-los” (F39)
- “orientar as pessoas sobre medidas a serem tomadas em caso de racismo e como devem se documentar” (F39)

Temos, dessa forma, muitas indicações de qual caminho seguir na luta pela inclusão eclesial e reparação social das pessoas negras, sendo a primeira de todas a recomendação de a Igreja abraçar de maneira mais firme essa causa.

Considerações finais

A presença de pessoas negras na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil foi algo raro até outro dia, como pudemos perceber nas fotos do Congresso da Igreja Episcopal do Brasil (1960) e no artigo de Regina Reys Novaes (1985). No entanto, percebemos que, de cinco anos para cá, tem havido uma maior presença dos negros na Diocese Anglicana do Recife, e que, nesse tempo, chegaram mais pessoas negras que de outras identidades étnico-raciais. De igual modo, a análise dos formulários revela que já há uma sensibilidade na Diocese quanto às questões étnico-raciais, que pode ser vista na pregação, nos eventos promovidos pela IEAB; na participação em eventos com outras instituições; na vivência de relações inclusivas e no compartilhamento de conteúdo nas redes sociais. Não obstante, viu-se que elas precisam ser intensificadas e sistematizadas em eixos como compromisso eclesial (oficial), formação, exegese e diaconia (ação social).

REFEFÊNCIAS

- BRITO, Débora. Cotas foram revolução silenciosa no Brasil, afirma especialista. *In: Agência Brasil*. Brasília, 27 maio 2018. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-05/cotas-foram-revolucao-silenciosa-no-brasil-afirma-especialista>. Acesso: 10 jan 2019.
- CALVANI, Carlos Eduardo Brandão; OLIVEIRA, Vera Lúcia Simões de. **Nossa Identidade: História e Teologia anglicanas**. São Paulo: Fonte Editorial; Livraria Anglicana, 2012.
- DEL NERO, João. A Igreja e o cidadão. *In: A Igreja Episcopal no País do Futuro*. Publicadora Ecclesia, 1960, p. 134.
- OLIVEIRA, Marco Davi de. A religião mais negra do Brasil: Por que mais de oito milhões de negros são pentecostais. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.
- REIS, João José. **Rebelião Escrava no Brasil: a história do Levante dos Malês em 1835**. Companhia das Letras, 2009.
- SILVA, Elizete da. **Cidadãos de outra pátria: anglicanos e batistas na Bahia**. Sagga, 2017.
- NOVAES, Regina Reyes. Os negros entre os episcopais: cor e lugar social. *In: Comunicações do ISER*. Ano 4, edição especial. Rio de Janeiro: Outubro de 1985, p. 33-46. ISSN 0102-3055.
- TUTU, Desmond. **Deus não é cristão** e outras provocações. Trad. Lilian Jenkino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2012.